

**APONTAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS SOBRE O ESTÁGIO
SUPERVISIONADO EM JORNALISMO: A EXPERIÊNCIA DE IMPLEMENTAÇÃO
DA POLÍTICA DE ESTÁGIO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL /
JORNALISMO DA UNEMAT**

**THEORETICAL AND METHODOLOGICAL NOTES ON SUPERVISED
INTERNSHIP IN JOURNALISM: THE IMPLEMENTATION EXPERIENCE OF
INTERNSHIP POLICY IN THE SOCIAL COMMUNICATION /
JOURNALISM COURSE AT UNEMAT**

Antonio Carlos Sardinha¹
Edileusa Gimenes Moralis²
Marli Barboza da Silva³

RESUMO: O artigo apresenta uma leitura do estágio supervisionado diante dos desafios da formação em Jornalismo na contemporaneidade. A partir do diálogo teórico-crítico envolvendo pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, realizadas durante supervisão acadêmica e de campo, apontamos as dimensões pedagógicas e metodológicas do estágio na formação de jornalistas nas especificidades desse campo profissional e de conhecimento, indicando os desafios conceituais e didáticos que envolvem a prática pedagógica da supervisão no estágio, com destaque para a experiência do estágio do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

PALAVRAS-CHAVE: estágio supervisionado, formação em Jornalismo, práticas pedagógicas.

ABSTRACT: This paper presents an analysis of supervised internship before the challenges of journalism education in contemporary society based on the theoretical dialogue between literature and documentary research conducted in academic and field supervision, we spotlight the pedagogical and methodological internship in the journalists' graduation on the specificities of both professional and knowledge fields, indicating the conceptual and didactical challenges that involve teaching and pedagogical supervision on the internship, especially the internship experience of the course of Journalism at the University of MatoGrosso (Unemat).

KEYWORDS: supervised training, journalism training, pedagogical practices.

¹ Mestre em Comunicação. Professor do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da UNEMAT. *E-mail:* sardinhajor@yahoo.com.br

² Doutora em Linguística. Professora do Mestrado em Linguística da Unemat. *E-mail:* egimo@ig.com.br

³ Formada em Comunicação Social, Mestre em Estudos Culturais. Professora do Curso de Comunicação Social-Jornalismo UNEMAT. *E-mail:* marlibarboza@yahoo.com.br

Introdução

A formação de jornalistas tem sido objeto de intensos debates envolvendo o campo profissional, acadêmico e sindical/empresarial. As divergências envolvem aspectos legais, científicos, econômicos e políticos e são permeadas por uma compreensão distinta do papel e das responsabilidades do profissional de Jornalismo na contemporaneidade.

Da necessidade de formação, outro tópico em aberto são as questões pedagógicas que envolvem a formação do profissional, o que aponta diretamente para os desafios da universidade no que se refere ao ensino e à pesquisa em Jornalismo, capazes de superar a vertente instrumental e tecnicista do mero ofício para uma compreensão ampla da profissão.

Pensar a formação nesse âmbito é inserir o estágio supervisionado como componente constitutivo de um processo de pensar e fazer o Jornalismo nos espaços pedagógicos como o da universidade, sobretudo diante das especificidades que o estágio também assume no terreno já tensionado da formação superior em Jornalismo no Brasil.

É sob essa compreensão que apresentamos uma leitura crítica do estágio supervisionado em Jornalismo, baseados na dimensão teórica que perpassa o campo de conhecimento e o campo profissional da área. Apontamos, inicialmente, os fundamentos teórico-epistêmicos sobre o Jornalismo, que, traduzidos em práticas pedagógicas, subsidiam, em um segundo momento, a análise do estágio como dimensão constitutiva do ensino. Essa leitura caminha para as respectivas indicações conceituais e pedagógicas adotadas na experiência de supervisão acadêmica e de campo realizada junto aos alunos do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT⁴.

O Jornalismo como campo profissional e de conhecimento

O Jornalismo, como atividade de interesse público, tem, historicamente, se consolidado como prática indispensável em uma sociedade democrática, por garantir, a partir de seus fundamentos como campo profissional, a informação como direito humano fundamental. Essa perspectiva

⁴ A análise apresentada toma como base a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental em registros dos professores supervisores de estágio durante supervisão acadêmica e de campo por meio do processo de pesquisa participante. Peruzzo (2005) entende a observação participante, juntamente com a pesquisa-ação e a própria pesquisa participante, como uma das três modalidades da pesquisa participante, que consiste na inserção do pesquisador no ambiente de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada. Para Gil (1999), a observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação pesquisada, podendo assumir duas formas distintas: a natural, quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga, e a artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar investigação (GIL, 1999, p.113).

fortalece a responsabilidade social da profissão e o papel do Jornalismo no fortalecimento da cidadania (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004).

No cenário contemporâneo, marcado pela globalização e pelo avanço das tecnologias, a produção de informação jornalística tem sofrido alterações que exigem, na perspectiva da pesquisa e do ensino, lidar com desafios éticos, técnicos e estéticos inerentes à atuação profissional. O conhecimento sobre a natureza e as especificidades do Jornalismo como ação discursiva no contexto de midiatização (SODRÉ, 2010) demanda conhecer cada vez mais precisamente o seu lugar de fala singular (MEDITISCH, 1992; SILVA, 2009).

Compreende-se o papel do Jornalismo agendar socialmente temas de interesse coletivo, com capacidade de produção de conhecimento conforme a especificidade desse campo, amplificando e tornando públicos os conhecimentos produzidos pelos atores e pelas instituições que disputam a legitimidade do Jornalismo como esfera pública contemporânea, por meio de uma mediação equilibrada (SPENTHOF, 2007).

Para tanto, espera-se do campo profissional a demonstração de um domínio de técnicas e estéticas capazes de potencializar e delas se apropriar, de modo criativo, da linguagem jornalística como linguagem do conflito, comprometida com a elucidação (CHAPARRO, 2001), e expressá-la em uma narrativa vigorosa, capaz de compensar os déficits da interpretação da experiência coletiva (MEDINA, 2008), obedecendo, com o mesmo rigor, a compromissos éticos e históricos da profissão (KARAM, 2004). São atributos que credenciam o jornalista como narrador contemporâneo capaz de captar, compreender e difundir pela narrativa marcada pela eficácia argumentativa.

No âmbito das transformações contemporâneas que perpassam as mutações sociotécnicas e discursivas que afetam o campo jornalístico, entendemos que é nos limites da modernidade-mundo (IANNI, 2000) que estão os lugares de memória, de imagens fortemente simbólicas que instauram movimentos específicos mais amplos com relação a valores e aos próprios conceitos de espaço e tempo partilhado pelas pessoas (SILVA; SOARES, 2011).

A ciência, a tecnologia e a informação, com seus respectivos estatutos cognitivos e dispositivos, estão nas bases de todas as formas de utilização do espaço/tempo contemporâneos. O mundo se globaliza e, ao mesmo tempo, hierarquiza-se e fragmenta-se, fazendo emergir uma nova relação entre global e local: ao se unificarem no global e se unirem no local, as diferenças e as contradições – portanto, identidades – só podem aparecer enquanto locais (SILVA; SOARES, 2011).

Apesar das mutações tecnológicas que impactam sobremaneira o mercado da informação e o fazer jornalístico, o Jornalismo em si mantém seus fundamentos como instituição produtora de sentido na contemporaneidade. Fundamentos esses que estão para além dos processos de produção da informação; ao contrário, incluem também os diversos e distintos modos de recepção da notícia.

Conforme Jorge Pedro Sousa (2002), as notícias, dentre tantas funções, participam na definição de uma noção partilhada do que é atual e importante e do que não o é, elaborando o que se convencionou como conhecimento singular (MEDISTICH, 1992) sobre a realidade e sugerindo, a partir do fórum de debate que promovem, respostas que cotidianamente os cidadãos enfrentam. O consumo de notícias reforça ou transforma pequenas ações cotidianas, até as decisões políticas que tomamos na vida social.

Diante do descolamento que os jornais tiveram das demandas e questões de interesse de sua comunidade de leitores (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004), pela própria dinâmica da produção da informação em função de mudanças no mercado, o Jornalismo tem tido dificuldade para garantir que seus fundamentos históricos organizem a prática profissional e atendam aos preceitos e as demandas como função pública de natureza fundamental em sociedades democráticas.

Em tempos em que produzir e difundir informações e interpretações, bem como comunicar afetos, torna-se uma prática rotineira compartilhada por todos os agentes discursivos que se apropriam dos artefatos tecnológicos, discutir os fundamentos e as especificidades do campo profissional passa obrigatoriamente pela consolidação do Jornalismo como campo de conhecimento.

Essa compreensão exige, no âmbito da própria formação, uma postura audaciosa, capaz de promover uma virada epistêmica, que enfatize a correlação da prática jornalística com a totalidade cultural em suas mutações proporcionadas pela presença das tecnologias. Prática essa que seja capaz de criticar a concepção informacional que concebe a comunicação como mera transferência de conteúdos de um polo a outro (SODRE, 2010b).

Em outras linhas, o Jornalismo não é uma técnica que veicula ideias, mas é importante pela capacidade de compreensão que proporciona por meio de uma narrativa interpretativa eficiente, que consegue penetrar e ser penetrado por outros discursos, sem perder a função de rigorosamente equilibrar, sob as especificidades de seu modo de ser e modo de dizer.

Posicionando entre o discurso do conhecimento e da ação (WOLTON, 2004), o discurso da informação tem particularidades em meio aos fluxos que circulam no contexto da chamada era da informação (CASTELLS, 1999).

A compreensão em um campo teórico (TRAQUINA, 2005) do Jornalismo, no entanto, é permeada por um cenário marcado pela ausência de uma compreensão sobre a atividade jornalística como atividade intelectual fundamental para democracia, refletida no âmbito da pesquisa e do ensino.

Registra-se ainda a conhecida perspectiva dicotômica e a falta de integração entre a visão acadêmica e profissional (MEDITSCH, 2007), marcada pela negação da realidade e do próprio Jornalismo. Registra-se um percurso de negligenciar a prática jornalística como pressuposto para buscas teóricas, capazes de propor soluções e perspectivas ao campo profissional, e não apenas subutilizá-lo como objeto empírico.

Essa realidade é ainda mais complexa quando somada ao imperativo da técnica, que historicamente desafia o ensino do Jornalismo ao não problematizar os fundamentos e a razão de ser das competências e do saber fazer para além de um fim em si mesmo.

Conforme Meditsch (2007), não é razoável desprezar as competências técnicas, processuais, metodológicas e deontológicas desenvolvidas historicamente na profissão, que representam o seu principal patrimônio no novo contexto: em vez disso, é preciso sistematizá-las em teorias e modelos com base científica e aplicação tecnológica, antes que outros aventureiros o façam.

Esse contexto desafiador converge para o cotidiano do ensino e, inevitavelmente, demanda respostas pedagógicas criativas dos professores de Jornalismo. Ensinar o Jornalismo é lidar com esse cenário que descaracteriza o campo do conhecimento e da atuação profissional por falsos dilemas que provaram não lograr êxito.

O estágio no contexto dos desafios da formação em Jornalismo

Apesar do consenso quanto à importância e à necessidade para qualificar a formação, o debate sobre estágio, quando normatizado e implementado, potencializa as tensões (históricas) envolvendo concepções, conceitos e perspectivas sobre o campo e o ensino do Jornalismo.

Como proposta, o estágio em Jornalismo é consenso enquanto possibilidade. Ao converter-se em uma ação programada, pactuada e executada, nota-se que os pactos para operacionalizar o estágio acabam

fragilizados pela ausência de fundamentos pedagógicos, capazes de legitimá-los no conjunto das preocupações sobre o ensino e a formação.

Nesse momento, o que se percebe é que as resistências e as dicotomias históricas, aparentemente superadas no percurso de debates sobre o tema, são retomadas na concretude da execução do estágio⁵. O pano de fundo inclui concepções sobre ensino partilhadas entre empresas, sindicatos e universidades e restrições quanto à dimensão do estágio como espaço para legitimar e fortalecer tanto o campo profissional como o do ensino e pesquisa (campo de conhecimento).

Nesse sentido, apontamos a tese de que o estágio acadêmico e supervisionado é campo legítimo para aproximar (não apenas institucionalmente) a categoria profissional, a universidade e mercado. Isso pela própria natureza do estágio, em revelar e fazer emergir para ambos os campos (profissional e de conhecimento) concepções, demandas e problemáticas estruturais sobre o Jornalismo, debatidas de forma endógena, muitas vezes, por cada um dos atores desses respectivos campos.

Essa perspectiva sobre o estágio que não dispensa considerar as suas outras dimensões (legais, econômicas e corporativas), as quais credencia esse espaço como esfera capaz de organizar e colocar em contato as preocupações teóricas e epistêmicas (legitimação do campo de saber e a necessidade de produção de conhecimento sobre Jornalismo), além de preocupações do campo profissional (os desafios campos de atuação, mercado e direitos do profissional, desafios da atuação profissional e seus desafios).

O diálogo que pode ser estimulado e provocado pelo estágio no contexto da formação é tecido sob um mesmo pano de fundo: as dimensões éticas, técnicas e estéticas que perpassam os saberes e as práticas que caracterizam a profissão e que interessam a profissionais, pesquisadores, empresários de mídia e estudantes de comunicação.

Lido sob essa ótica, os consensos aparentes sobre a importância do estágio acabam mitigados por muitas vezes tratar a questão apenas sob a via de um ou outro campo e/ou ator interessado nesse debate. O estágio coloca obrigatoriamente em contato perspectivas e atores diversos e plurais. Na busca

⁵ Com base em Valverde (2006), identificam-se duas fases pelas quais passou o estágio em Jornalismo no país. Uma primeira fase, iniciada em 1969, em que o estágio foi permitido ao se regulamentar a profissão; a segunda fase, em 1979, em que há proibição do estágio (Decreto n. 83.284). A fase mais contemporânea, marcada pela proibição legal, pode ser caracterizada por um avanço do debate nos meios acadêmicos, profissionais e empresariais e pela tentativa de discutir o estágio como um tópico da questão envolvendo a qualidade do ensino em Jornalismo, no âmbito do Programa de Estímulo à Qualidade do Ensino de Jornalismo (FENAJ, 2008).

por consenso, a abordagem para o estágio acaba orientada para uma questão normativa, resolvida pela via do regramento.

No entanto, é no terreno pedagógico, proporcionado pelo estágio, que encontros, consensos e dissensos precisam se espraíar e perspectivas se confrontarem, por serem essas as questões desafiadoras nessa fase de implementação das propostas de estágio.

O primeiro e mais fundamental dos conflitos é o que ocorre entre o saber pensar e o saber fazer, questões centrais que atravessam o ensino de Jornalismo, potencializadas pelo estágio como esse campo de tensionamentos pedagogicamente orientados:

A princípio abordar um assunto jornalisticamente não era tão fácil, muito menos com um olhar crítico [...] Pouco sabíamos como agir em certas situações. As primeiras matérias e as coberturas foram um fracasso, não obtivemos sucesso algum. A partir de cada trabalho, percebi que ainda tinha muito a aprender. (*Registro de avaliação do campo de estágio, acadêmica do sétimo semestre*)⁶.

Nessa leitura, o estágio como campo de tensionamento para aprofundar as preocupações em curso no campo profissional e de conhecimento do Jornalismo, em vez de inviabilizá-lo e invisibilizá-lo, muitas vezes sob a marca do opcional/não obrigatório, transforma o tema em uma oportunidade para resgatar a dimensão pedagógica estruturante, e não apenas subsidiária e complementar do estágio para a formação em Jornalismo.

Além disso, aprofunda-se o posicionamento sobre o lugar do estágio em um patamar mais central no debate sobre as questões envolvendo a legitimação do Jornalismo como campo de conhecimento e profissional.

O cenário é de ausência de uma compreensão sobre o Jornalismo como atividade intelectual fundamental para a democracia, somada à dicotomia e à falta de integração entre a visão acadêmica e profissional (MEDITSCH, 2007).

No âmbito da universidade, espaço no qual observamos as questões do estágio, registra-se a negação da realidade e do Jornalismo pelo percurso de negligenciar a prática jornalística como pressuposto para buscas teóricas, capazes de propor soluções e perspectivas ao campo profissional, e não apenas subutilizá-lo como objeto empírico (repassado ao estudante ao tornar-se objeto de ensino).

⁶ N. da R.: A redação dos recortes extraídos dos relatórios não sofreram alterações durante a revisão do artigo.

Essa realidade, somada ao imperativo da técnica, que não problematiza os fundamentos e a razão de ser das competências e do saber fazer para além de um fim em si mesmo:

Não é razoável desprezar as competências técnicas, processuais, metodológicas e deontológicas desenvolvidas historicamente na profissão, que representam o seu principal patrimônio no novo contexto: em vez disso, é preciso sistematizá-las em teorias e modelos com base científica e aplicação tecnológica, antes que outros aventureiros o façam (MEDITSCH, 2007, p.59).

Esse contexto desafiador converge para o cotidiano do ensino e, inevitavelmente, demanda respostas pedagógicas criativas dos professores de Jornalismo. Ensinar o Jornalismo é lidar com esse cenário que descaracteriza o campo do conhecimento e do âmbito profissional por falsos dilemas que provaram não lograr êxito.

Metodologias criativas precisam estar articuladas a pressupostos criativos, capazes de evitar metodologias performáticas com roupagens pouco densas no tratamento dos desafios teórico-epistêmicos e de fundamentos centrais que caracterizam o campo do Jornalismo.

Entendemos que o estágio acadêmico, nesse cenário, surge com uma via de tensionamento. Primeiro, a prática de estágio, internamente, problematiza o ensino de Jornalismo, as referências e as diretrizes da proposta pedagógica do curso. Quando legitimado e apropriado pelo processo de ensino como espaço pedagógico permanente e não residual, apto a referenciar escopo e dimensões de estratégias e perspectivas formativas inscritas nos projetos políticos pedagógicos, o estágio torna-se um caminho fundamental para evitar a cristalização do ensino e seu isolamento do dinâmico campo profissional e de conhecimento.

Em um segundo momento, o estágio, quando apropriado ao contexto do ensino de Jornalismo e pensado organicamente no projeto pedagógico do curso, torna-se não apenas um espaço para experienciar a “realidade” do exercício profissional. Mais que isso, pode transformar-se em um canal de interlocução entre o que o campo profissional aponta como demanda e desafios para a construção de conhecimento sobre o Jornalismo e sobre práticas e metodologias de ensino.

O estágio torna-se um elo capaz de integrar pesquisa e ensino como meios indissociáveis para enfrentar os desafios do exercício profissional contemporâneo, marcado pela “midiamorfose, re-mediação, novas formas

de interatividade e participação do público”, conforme expressões de Meditsch (2007, p.52):

As empresas muitas vezes batem ou gostariam de bater às portas das universidades em busca dessas respostas, mas não têm encontrado interlocutores interessados no desafio. A perspectiva de mutação desafia a pesquisar e ensinar coisas novas, e as escolas não têm claro ainda o que nem como ensinar [...] Na perspectiva do Jornalismo, é preciso transformar os atuais cursos de comunicação em cursos de conhecimento, lugares de ‘aprender a aprender’ e de ‘ensinar a aprender’. Mas, principalmente, de ‘aprender a apreender a realidade’, aproximando-se dela, a partir de um lugar profissional específico.

É por isso que inserir e legitimar o estágio de modo mais estrutural, e não apenas como complementar no processo de formação do profissional, é marcar sua inserção no cenário mais amplo de preocupações sobre o ensino de Jornalismo, na perspectiva da legitimidade e autonomia do Jornalismo como campo de conhecimento e profissional.

O estágio supervisionado no contexto da formação superior em Jornalismo, mais do que um canal para encaminhar, acompanhar e atender os requisitos acadêmicos e pedagógicos pactuados quando do reconhecimento do estágio para formação profissional, precisa responder as questões de ordem estrutural para delas emergir questões outras que permeiam o ensino, a pesquisa e o exercício profissional.

Nesse sentido, não se promove estágio sem um diálogo mais abrangente com o projeto político pedagógico do curso e o campo de pesquisa em Jornalismo, possibilitando o pensar crítico em relação à produção de conhecimento nos moldes que já destacamos. A política de estágio estrutura e é representativa do plano pedagógico e da compreensão de ensino que caracterizam o curso e sua proposta de ensino.

Por meio da proposta de estágio do curso é que se responde com lucidez e precisão aos conflitos e confrontos de ordem técnica, ética e estética que o acadêmico vivencia na sua saída para o campo de estágio:

Trabalhar com reportagem foi muito interessante pelo fato de termos que aprender muitas coisas de uma vez só. Para se fazer uma reportagem, aprende-se a fazer pauta, que é a mais interessante... Antes, achávamos que todo assunto era pauta. Mas com o estágio, vimos que não é nada disso porque até para se fazer uma pauta precisa de apuração. Precisa buscar

por fontes certas para nos dar informações sobre o assunto, ou seja, saber com quem falar; aprender a buscar a informação correta e confiável, lidando com as pessoas, sobressaindo de entrevistados mal educados [sic]. (*Registro de avaliação campo de estágio, acadêmico sétimo semestre*).

Ao mesmo tempo, a abertura e o diálogo com o campo de estágio no trabalho cotidiano de supervisão não pode prescindir de respostas sobre a dinâmica do mercado de mídia; o conhecimento da realidade e o funcionamento da imprensa local e regional; o reposicionamento de práticas diante das mudanças políticas e institucionais, econômicas e culturais que afetam a atuação profissional.

Essas questões apenas ilustrativas acabam por apontar a dimensão do campo de estágio no processo de formação, ou seja, uma dimensão constitutiva, atrelada a uma proposta pedagógica do curso que insere o estágio como elemento para referenciar escolhas, perspectivas e práticas de ensino.

Por outro lado, a capacidade do estágio em produzir conhecimento pela dinâmica dialogada entre o pesquisar e o ensinar o credencia, antes de tudo, como um espaço legítimo para diálogo sobre saberes e fundamentos do campo de conhecimento do Jornalismo e os saberes e conhecimentos do campo profissional, em um exercício criativo de restabelecer a ideia da produção de conhecimento a partir da prática pensada e problematizada.

Nesse sentido, a universidade tem um papel protagônico para discutir o seu papel na qualificação do estágio como espaço eminentemente pedagógico. É no terreno do ensino, com as possibilidades e os canais ofertados pela prática pedagógica, que se entende estar o caminho mais democrático para explorar os tensionamentos e as oportunidades que o estágio oferece ao processo de formação de jornalistas.

Para não entrar em falsos dilemas sobre as responsabilidades das universidades e docentes diante do debate sobre a obrigatoriedade ou não do estágio, a questão é como inserir o estágio no debate sobre o ensino de modo mais estruturante e menos acessório, complementar.

O fato de o estágio não ser obrigatório não desobriga a universidade em pensar alternativas para fortalecer e articular sua política de estágio aos desafios no âmbito do ensino e pesquisa em Jornalismo. Assim como a existência do estágio de forma obrigatória não deve ter o significado de desobrigação das instituições de ensino superior de terem laboratórios, produtos laboratoriais e projetos experimentais, todos eles fundamentais para a formação dos estudantes: Conforme Valverde (2006),

a primeira delas [alternativas], totalmente enfocada no mercado, trataria da prática profissional em contato direto com a realidade do cotidiano do Jornalismo, suas técnicas e o efetivo comprometimento com o papel social do jornalista. A segunda, realizada no âmbito das escolas, apontaria para as possibilidades que o Jornalismo oferece de experimentação, tanto na linguagem utilizada, textual e visual, como na busca de alternativas de circulação e de destinatários, encontrando formas de inserção social que correspondessem também ao papel social do jornalista. (p.182).

A perspectiva pedagógica do estágio em Jornalismo

De acordo com a Proposta Nacional apresentada pela FENAJ, o estágio é uma atividade curricular que se configura a partir da inserção do aluno no espaço socioinstitucional, objetivando capacitá-lo para o exercício do trabalho profissional, o que pressupõe supervisão sistemática.

Essa supervisão será feita pelo professor supervisor e pelo profissional do campo, por meio da reflexão, do acompanhamento e da sistematização, com base em planos de estágio, elaborados em conjunto entre unidade de ensino e unidade campo de estágio, tendo como referência a Lei de Estágio n.11.788/2008 e o Código de Ética Profissional.

Existe um grande esforço das IES e seus protagonistas de desencadear um processo participativo que envolva o docente, o discente e o jornalista supervisor, numa perspectiva democrática e transparente, na qual os envolvidos podem refletir tanto sobre os aspectos a serem modificados na formação profissional, como aqueles implicados nos processos de intervenção. É um processo que evidencia a relação entre esses protagonistas, pautada pela convivência, pelo diálogo e pelo compromisso.

Outro aspecto relevante diz respeito à importância da IES acompanhar, de forma sistemática, o estágio por meio de uma supervisão direta, seja na Faculdade, inserida na grade curricular, seja no campo de estágio, oportunizando ao jornalista supervisor uma capacitação contínua, voltada a uma formação profissional de qualidade.

A supervisão é um momento de contribuição para a formação profissional, pois o diálogo, a reflexão e a orientação contribuem para o crescimento e o amadurecimento profissional do aluno e do jornalista supervisor, no caso, do professor do estágio da universidade, bem como da instituição cedente. Outro aspecto a ser considerado no processo de supervisão, desvelado por esse estudo, é a importância da supervisão de

campo ser sistemática, constante, planejada e avaliada, envolvendo reflexão de aspectos teóricos e práticos do cotidiano, conforme aponta o relato:

A falta de entendimento dos diversos assuntos foi uma das primeiras dificuldades que encontrei enquanto estagiária. Quanto mais se tem conhecimento, mais amplo e diferenciado fica o material jornalístico que irá produzir. Isso ficava visível quando íamos discutir a pauta com o professor e o orientador de estágio. Ele apontava detalhes interessantes que para compreender exigia minuciosas pesquisas. (Relato estagiário do sétimo semestre).

A preocupação do jornalista e do docente em acompanhar o aluno de forma sistemática é uma constante nos processos de supervisão de estágio das IES, que vão ao encontro das exigências das Diretrizes Curriculares.

A supervisão sistemática no estágio acadêmico em Jornalismo, no Brasil, desvela o “meio-fio” onde se situa o profissional supervisor - entre a realidade do processo de supervisão e o cotidiano de seu espaço ocupacional. Entre “buscas” e “fugas” no processo de avaliação, os protagonistas discentes e supervisores procuram, em suas relações diárias, superar limites e construir, de forma conjunta, possibilidades de uma prática profissional qualitativa. Os docentes procuram mediar as relações entre ambos, com o foco central na formação profissional qualitativa. Assim, uma formação profissional que busque totalidade envolve conhecimento, aspectos afetivo-emocionais, habilidades, atitudes e valores.

A formação profissional do Jornalista está balizada pelo projeto ético-político do Jornalismo. É constituída por componentes históricos, teóricos, éticos, políticos, técnicos e operativos, postos pela profissão a fim de garantir uma formação de qualidade. Nos princípios fundamentais do Código de Ética dos Jornalistas, temos o ponto de partida da construção do projeto ético-político da profissão, que parametriza a formação profissional.

Esses princípios são vistos como sinalizadores para a atuação profissional do Jornalista. É, também, um desafio cotidiano colocá-los em prática, mas se sabe que este é um compromisso da categoria, e não apenas uma responsabilidade individual.

Para consolidar este projeto, é preciso que os futuros Jornalistas possuam uma formação profissional que garanta sua apropriação, sendo o estágio e a supervisão espaços privilegiados de vivência e reflexão para o exercício profissional. Sem dúvida, este é um desafio que deve ser enfrentado

não somente no âmbito da formação profissional, mas também no exercício profissional:

Com o estágio, comecei a entender o que é ser jornalista, aprendi a gostar, pois ao vivenciar a prática, pude aprender o quanto somos importantes para a sociedade. (Relato estagiário do sétimo semestre da Agência Júnior de Jornalismo).

Foram dificuldades que surgiram que foram nos tornando mais espertos [sic], começamos então a perceber a real importância do estágio que é nos inserir no universo ao qual iremos nos deparar assim que formos seguir a profissão. [...]

Com a produção das reportagens, deparávamo-nos com diversas situações, preparávamos as pautas, buscávamos por fontes, entrevistávamos e produzíamos... Passamos a ver real situação do nosso município, pois tínhamos que ir muito mais fundo na busca pelas informações que precisávamos. Com isso, ficamos mais inseridos nos nossos próprios problemas e passamos a ver o quanto as informações eram manipuladas mesmo que discretamente. (Relato estagiário do sétimo semestre da Agência Júnior de Jornalismo).

Destacamos como componentes significativos da definição de estágio e de supervisão para o curso de Comunicação Social/Jornalismo da UNEMAT o fato de o estágio constituir-se numa atividade curricular obrigatória, que visa à inserção do aluno no espaço socioinstitucional, a fim de orientá-lo para o exercício do trabalho profissional, com supervisão sistemática, tendo como base os planos de estágio.

Complementando essa reflexão, reforçamos que a formação profissional requer, necessariamente, a relação teoria/prática, o que supõe vivência supervisionada. O estágio objetiva criar condições para efetivação desta vivência (RIBEIRO, 1999).

Assim, o estágio supervisionado demonstra ter

um papel significativo na formação do aluno, possibilitando-lhe a sua inserção na prática profissional. Para o aluno, buscase um estágio que possibilite o seu preparo efetivo para o agir profissional, um campo de experiência, a vivência de uma situação concreta supervisionada por um jornalista competente, que lhe propiciará uma revisão constante da sua vivência e o questionamento de seus conhecimentos, habilidades, visões de mundo, podendo contribuir para sua inserção crítica e criativa na área profissional e num contexto sócio-histórico mais amplo (MUNIZ et. al., 1997, p.29).

Sem dúvida nenhuma, compartilhamos do pensamento de Pinto (1997, p.75), para quem

o estágio é o momento da vida acadêmica do aluno em que se põe face a face com a prática profissional do Jornalista. É ele que permite ao aluno aproximações sucessivas com a realidade institucional, com a realidade da demanda e com os desafios que se colocam ao trabalho do Jornalista na sua relação com a sociedade. É ele também que confere ao ensino do Jornalismo uma dimensão teórico-prática.

O estágio, portanto, é um momento de grande experiência para o aluno, mas é também um momento de dúvidas e conflitos que devem ser compartilhados com profissionais.

Essa experiência, segundo Oliva (1989), adquire um peso específico no processo de aprendizagem da profissão, não podendo ser concebido apenas como um momento episódico na formação profissional, conforme registrados de estagiárias da Agência Júnior de Jornalismo:

Durante o estágio, o que mais encontramos foram dificuldades, falta de tempo para produção de textos, fontes que não mostravam interesse algum em conceder entrevistas ou pautas que caíram por não terem viabilidade [...] Apesar das dificuldades encontradas, independente da área de estágio, os alunos puderam se familiarizar com a rotina do Jornalismo procurando pautas, indo atrás de fontes e correndo contra o tempo para fechar as reportagens dentro do prazo estipulado. São com essas atividades que os alunos puderem aprimorar o que tinham aprendido, familiarizando-se com o campo de estágio. (Relato estagiária do sétimo semestre).

Acredito que (o estágio) foi a melhor forma de aprender porque enfrentei minhas limitações, minhas deficiências, dificuldades e vários problemas... Foi a hora que eu me mostrei do que eu era capaz. E confesso que me surpreendi. Ao parar e analisar todas as situações que enfrentei e a forma que as resolvi, vejo a forma como eu posso lidar com elas novamente. No entanto, me encanto com minhas atitudes, pois fui lançada em um universo desconhecido ao qual, às vezes, sentia-me perdida, mas que superava e via os resultados. (Relato estagiária do sétimo semestre).

Formação acadêmica e do estágio supervisionado em Jornalismo na UNEMAT

O curso de Jornalismo remete à formação de profissionais qualificados para investigar e produzir conhecimento sobre o campo que

circunscreve sua prática, reconhecer seu espaço ocupacional no contexto mais amplo da realidade socioeconômica e política do país e no quadro geral das profissões. Formar profissionais “habilitados teórica e metodologicamente (e, portanto, tecnicamente) para compreender as implicações de sua prática, reconstruí-la, efetivá-la e recriá-la no jogo das forças sociais presentes” (IAMAMOTO, 1992, p.163).

Sendo o estágio polissêmico, apresenta várias terminologias: treinamento, aplicação de conhecimentos teóricos, atividades práticas, complementação de ensino, integração de ensino, integração universidade sociedade, entre outras.

Ponderamos que o estágio não é a aplicação de conhecimentos adquiridos na teoria, nem adequação dos alunos ao mercado de trabalho, mas sim um momento de estudo, reflexão do fazer, de pensamento da prática social, ou seja, uma forma de “apropriação de elemento da crítica e descobertas sobre as questões presentes na dinâmica da sociedade” (OLIVA, 1989, p.150).

Assim, o estágio supervisionado situa-se como um elemento do ensino da prática profissional:

O conhecimento que tínhamos a respeito da produção de uma matéria era muito restrito, restringia-se apenas a pensar em uma pauta, fazer as entrevistas e a construir a matéria. No decorrer do estágio, aprendemos os processos de produção de uma matéria jornalística, a pensar em um tema e desenvolvê-lo de acordo com o nosso público, nossa realidade local e a buscar ler sobre o mesmo assunto em outros veículos de comunicação para que possa assim fundamentar e enriquecer ainda mais o seu texto. (Registro de avaliação de estágio de acadêmica do sétimo semestre, grifos nossos).

Importante se faz suscitar as discussões que foram empreendidas desde a década de 90, quando do retorno por parte, principalmente dos discentes, das discussões acerca do retorno do estágio de Jornalismo nas academias e, conseqüentemente, a existência de muitas dificuldades na sua operacionalização.

A formação profissional do aluno não pode se limitar ao “ensino” de uma grade curricular que forme o jornalista apenas para responder minimamente às exigências do mercado de trabalho, para que assim seja absorvido por ele. Esta deve ir além das demandas impostas, pois “objetiva preparar cientificamente quadros profissionais capazes de responder as

exigências do projeto profissional coletivamente instruído e historicamente situado” (IAMAMOTO, 1992, p.163):

Aprendi a ganchar (identificar aspectos de uma questão que é de interesse público para publicar), ver os pontos críticos e sociais dos temas abordados, bem como desenvolvê-los [...] Posso dizer que aprendi a fazer Jornalismo no decorrer do estágio. O meu foco como jornalista mudou [...] Não se trata de escrever o que as fontes falam, é muito além disso, o nosso olhar precisa fazer um giro de 360º, precisamos pegar as coisas no ar [sic], o que muitas vezes não é fácil.... (Registros de avaliação de campo de estágio, acadêmico sétimo semestre).

Esse projeto profissional, demarcado pelas condições efetivas que caracterizam o exercício profissional do jornalista na divisão sociotécnica do trabalho, deve responder às demandas atuais colocadas à profissão a partir do mercado de trabalho, além de reconhecer e conquistar novas e potenciais alternativas de atuação, que representam a profissão pelo desenvolvimento da sociedade, num dado contexto conjuntural:

Com a produção das reportagens, deparávamos-nos com diversas situações, preparávamos as pautas, buscávamos por fontes, entrevistávamos e produzíamos... Passamos a ver real situação do nosso município, pois tínhamos que ir muito mais fundo na busca pelas informações que precisávamos. Com isso, ficamos mais inseridos nos nossos próprios problemas e passamos a ver o quanto as informações eram manipuladas mesmo que discretamente. (Registros de avaliação de campo de estágio, acadêmico sétimo semestre).

Portanto, a preparação para a profissão não deve ser confundida com a preparação para o emprego. Nesse sentido, o projeto do curso de Jornalismo de Alto Araguaia foi pensado para articular dialeticamente as demandas reais àquelas potenciais. Sob tais considerações, o Estágio Supervisionado em Jornalismo de Alto Araguaia busca conferir sentido concreto, lógico, histórico e processual ao ensino, evitando concebê-lo de maneira estática, determinada e direcionada apenas aos interesses do mercado de trabalho. Ou seja, as diretrizes da formação do jornalista devem valorizar a dimensão técnica, mas não sobrepujá-la em relação à dimensão política da prática, o papel social do cidadão profissional. Dessa forma, o estágio supervisionado em Jornalismo deve buscar a articulação entre o crítico

social e o técnico, que devem aparecer indissociavelmente juntos na atuação profissional.

Assim, faz-se necessário atentar ao movimento contraditório existente entre a Universidade e o mercado de trabalho, pois a formação profissional não pode simplesmente conformar-se a demandas do mercado de trabalho, que, sob a retórica da especialidade, da competência, do rigor técnico, na realidade exigem determinadas ações profissionais que são atividades socialmente condicionadas. Por outro lado, não podemos desconsiderar tais demandas, pois a Universidade tem a responsabilidade de formar profissionais qualificados para a inserção nesse mesmo mercado de trabalho.

Pretende-se, assim, que o Estágio Supervisionado da Unemat contribua no processo de formação do jornalista ingresso, um momento em que se descortina aos estagiários novas possibilidades para entender a dinâmica do trabalho profissional, seu estudo e compreensão.

Tendo como base a Lei 11.788, de agosto de 2008, a Resolução 028/2012 CONEPE e Regulamento de Estágio Curricular em Jornalismo aprovado pelo Colegiado de Curso de Jornalismo em julho de 2009 e em vigor desde o início do semestre letivo 2010/1, de acordo com ofício 102/2009 – G da Pró-Reitoria de Graduação, expedido em 09 de junho de 2009, o Estágio Supervisionado é requisito legal para obtenção do grau de bacharelado no curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UNEMAT.

O estágio na Universidade constitui-se numa atividade curricular obrigatória, que visa à inserção do aluno no espaço socioinstitucional, a fim de capacitá-lo para o exercício do trabalho profissional, com supervisão sistemática, tendo como base os planos de estágio.

Reforçamos que a formação profissional requer, necessariamente, a relação teoria/prática, o que supõe vivência supervisionada. O estágio objetiva criar condições para efetivação desta vivência (RIBEIRO, 1999). Nesse sentido, está proposto no Projeto Político Pedagógico do Curso, na nova matriz curricular pensada pelo coletivo de professores, o estágio supervisionado de 300 (trezentas) horas, divididos em dois semestres letivos.

O estágio é desenvolvido em instituições de Comunicação ou em outras que possibilitam a atividade prática jornalística, em programas de extensão e/ou pesquisa mediante laboratório, consoantes com as Ciências da Comunicação Social/Jornalismo.

Buscamos, no decorrer do período do estágio supervisionado, criar situações que estimulam o aluno a expressar atitude de cooperação e

intercâmbio desta instituição de Ensino Superior e a comunidade (mediante meios/problemas) por meio do desenvolvimento de atividades de extensão que objetivam oferecer incremento das mudanças necessárias à melhoria dos processos de comunicação social e instrumentar esses processos com novas técnicas e métodos.

Ao mesmo tempo, oportuniza-se aos discentes a autoavaliação e o desenvolvimento do espírito reflexivo, crítico-construtivo por meio da consciência de que esse conhecimento aplicado é um processo continuado e em constante transformação. As competências e as atribuições do supervisor de estágio, dos orientadores de campo e dos alunos estagiários são definidas no Regimento Interno desta IES e nos Termo de Acordo e/ou Convênios de Cooperação com as instituições-campo e Termos de Compromisso de Estágio.

O Estágio Curricular Supervisionado é um componente do currículo, tendo como objetivo consolidar práticas de desempenho profissional inerente ao perfil do formando, definido, neste projeto, por nosso colegiado acadêmico, a quem compete aprovar o regulamento correspondente, com suas diferentes modalidades de operacionalização.

Conforme o Regulamento de Estágio do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UNEMAT ora em vigor, destacamos que o estágio poderá ser realizado em instituições públicas, privadas ou do terceiro setor ou na própria instituição de ensino, em veículos autônomos ou assessorias profissionais.

As atividades deverão ser programadas nos sétimo e oitavo semestre do curso, possibilitando aos alunos concluintes testar os conhecimentos elaborados em aulas e laboratórios, cabendo aos responsáveis pelo acompanhamento, supervisão e avaliação do estágio curricular – incluindo sempre jornalistas profissionais e docentes do curso – avaliar e aprovar o relatório final, resguardando o padrão de qualidade nos domínios indispensáveis ao exercício da profissão.

É vedado convalidar como estágio curricular a prestação de serviços realizada a qualquer título que não seja compatível com as funções profissionais do jornalista, que caracterize a substituição indevida de profissional formado ou, ainda, que seja realizado em ambiente de trabalho sem a presença e o acompanhamento de jornalistas profissionais, tampouco sem a necessária supervisão docente. Da mesma forma, é vedado convalidar como estágio curricular os trabalhos laboratoriais feitos durante o curso.

Entende-se por Estágio Curricular Supervisionado as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao aluno por meio

de observações, estudos, pesquisas, visitas, exercício profissional remunerado ou não em instituições públicas, privadas ou do terceiro setor ou na própria instituição de ensino, em veículos autônomos ou assessorias profissionais, sob a responsabilidade e a coordenação do Departamento de Comunicação Social – Jornalismo.

O Estágio Curricular Supervisionado, em cada uma de suas etapas previstas no projeto pedagógico do curso, é avaliado levando-se em conta critérios como coerência e aplicabilidade do plano de atividades; pontualidade e assiduidade do aluno em seus compromissos, tanto com a organização cedente, como com a UNEMAT; coerência e consistência dos relatórios parciais de atividades; avaliação da organização cedente, por meio de termo de compromisso firmado por seu representante legal, e, ainda, o relatório final, de acordo com as normas da ABNT, bem como em conformidade aos critérios estabelecidos na Resolução 028/2012.

Para atender uma necessidade metodológica, o relatório final deve obedecer à seguinte estrutura: introdução, objetivos geral e específicos; atividades desenvolvidas; sugestões e recomendações; considerações finais; anexos (plano de atividades) e a indicação das referências bibliográficas. Consta, ainda, na Resolução 028, que a aprovação no Estágio Curricular Supervisionado é indispensável para a conclusão do curso.

A referida Resolução estabelece, enquanto documento necessário para a realização do Estágio Curricular Supervisionado, um plano de atividades do acadêmico/estagiário, assinado pelo professor orientador e pelo representante da organização cedente, que deve obedecer à seguinte estrutura mínima: introdução, objetivos, atividades a serem desenvolvidas e cronograma, data e assinatura.

O termo de compromisso do estágio, segundo a legislação acima, deve ser assinado pela organização cedente, pelo representante da Instituição de Ensino e pelo acadêmico/estagiário. Caso o Estágio Curricular Supervisionado seja realizado na organização em que o acadêmico/estagiário trabalha, o Termo de Compromisso pode ser substituído por cópia autenticada da Carteira de Trabalho e Previdência Social com registro do contrato de trabalho.

O acompanhamento e o atendimento aos alunos são realizados de acordo com o horário de aulas estipulado pela coordenação do curso de Jornalismo ou de acordo com agendamento prévio por parte do professor da disciplina, a partir das necessidades de cada campo de estágio. As reuniões com os orientadores de campo ocorrem mensalmente, de acordo com

agendamento prévio firmado entre Supervisão pedagógica e orientador de campo.

Em relação ao processo de avaliação, são considerados critérios como pontualidade na entrega das documentações exigidas (termo de compromisso, plano de estágio, relatório final, diário de campo, etc.); compatibilidade entre relatório e plano de estágio; cumprimento do plano de estágio no campo, sendo o conceito final a somatória de todas as atividades propostas e realizadas.

Assim, entendemos a avaliação do estágio supervisionado sendo processual, a partir da observação do crescimento dos discentes em relação às atividades éticas, profissionais, bem como da criatividade na confecção de projetos/propostas de aplicação, com a confecção do relatório de estágio, conforme critérios estabelecidos na legislação em vigor

As atividades básicas do Estágio Supervisionado são planejadas semestralmente pelo docente responsável pelo Estágio Supervisionado, que realiza o desenvolvimento das atividades do discente na produção de Plano de Atividade de Estágio, Plano de Ação e respectivos relatórios.

Atualmente o curso de Comunicação Social – Jornalismo da UNEMAT, *campus* Alto Araguaia, conta com alguns campos de estágio consolidados, a exemplo da Promotoria Pública do Município de Alto Araguaia, Prefeituras Municipais de Santa Rita do Araguaia-GO e Alto Araguaia-MT, jornais locais impressos e *online*, agência júnior de Jornalismo e assessoria de imprensa do *campus*.

Na organização pedagógica do estágio supervisionado, são observados dois momentos:

- **O Estágio Supervisionado I (150 horas)**, com foco no conhecimento e na observação dos campos de estágio. É o momento em que o estagiário se familiariza com a área de atuação para a prática de estágio e procura construir uma postura de observação crítica e participante, capaz de subsidiar a vivência reflexiva da experiência no contexto de ensino na universidade. É a etapa do estágio em que são trabalhados os aspectos conceituais, os fundamentos e a reflexão sobre o exercício da profissão a partir do reconhecimento, da observação e da avaliação do campo profissional. A proposta desse primeiro contato com o campo é subsidiar a elaboração e a geração de conhecimento sobre a área de estágio, a partir da problematização e da reflexão da prática empiricamente observada do processo de produção jornalística.

A etapa de observação, diagnóstico e reflexão, pensada pedagogicamente como parte de um exercício, em vez de rivalizar e promover

deslocamento entre a teoria e prática, busca desenvolver a proposta de “aprender a aprender, mas, principalmente, aprender a apreender a realidade, aproximando-se dela, a partir de um lugar profissional específico” (MEDITSCH, 2007, p.54). Esse exercício requer uma postura pedagógica do professor de estágio pela possibilidade (e necessidade) de associar ensino e pesquisa em uma unidade indissolúvel, que, pensada de forma integrada, permite valorizar a tradição acadêmica, recuperando os saberes específicos desprezados nas últimas décadas e reafirmar valores e fundamentos da profissão como interesse público, a busca da verdade, o rigor, a ética, o compromisso com a liberdade, entre outros elementos fundamentais do Jornalismo (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004).

- **Estágio Supervisionado II (150 horas)** visa à execução de atividades de prática do futuro profissional, exercida em situações reais de trabalho nos órgãos de comunicação, empresas e instituições que possibilitem a prática da atividade, na Assessoria de Comunicação, na Tevê Taiamã da UNEMAT e/ou programas de extensão e pesquisa mediante laboratório que congreguem as diversas ordens práticas correspondentes aos diferentes pensamentos das Ciências da Comunicação Social/Jornalismo.

Nesse período de estágio supervisionado, os alunos devem ter cumprido o estágio de observação e estar de posse dos resultados dos trabalhos empreendidos. Após realizar o diagnóstico, apontando possíveis mudanças e reestruturação nas organizações em que o estagiário desenvolve seu trabalho, é confeccionado um projeto de ações em Comunicação Social/Jornalismo, o qual é anexado ao relatório de estágio, constando aplicações em questão sugestivas para a organização em questão.

No decorrer da disciplina, as orientações necessárias ao Estágio Supervisionado, como procedimentos em situações simuladas, confecção de planos e projetos, elaboração de relatórios, autoavaliação dos estagiários e outras atividades inerentes à orientação, são realizadas nas salas da própria instituição.

Os estágios de fundamentação, observação e desenvolvimento de projeto(s) acontecem nas instituições de comunicação, instituições que possibilitam a atividade prática ou mesmo em programas de extensão e/ou pesquisa mediante laboratório, consoantes com as Ciências da Comunicação Social/Jornalismo, podendo estender à comunidade, dependendo da natureza dos projetos desenvolvidos. São realizadas, ainda, reuniões de acompanhamento de estágio com discentes e orientadores de campo e oficinas.

Considerações finais

O estágio supervisionado em Jornalismo tem se configurado como espaço para qualificar a formação profissional, sobretudo o contexto de ensino. Pensado por uma perspectiva pedagógica e realizado a partir de metodologias que permitem a problematização e a produção de conhecimentos sobre o Jornalismo, o estágio pode emergir como espaço amplo e mais central no contexto formativo.

A experiência da Universidade Estadual de Mato Grosso em incluir o estágio como disciplina obrigatória com professores supervisores, responsáveis pela coordenação pedagógica da política de estágio institucionalizada no âmbito do curso e da universidade, tem revelado que o tratamento do estágio como uma questão pedagógica é um caminho para qualificá-lo e legitimá-lo.

A inserção do estágio como um tema da agenda de formação e ensino e, portanto, de responsabilidade da própria universidade, representa a possibilidade de incluí-lo no escopo dos projetos pedagógicos dos cursos. A necessidade de intensificar o debate sobre estágio no âmbito da qualidade do ensino de Jornalismo exige considerá-lo, portanto, como elemento integrante do processo pedagógico de ensino, e não apenas como um complemento para a formação, em que a universidade apenas atua como mediadora entre os estudantes e o mercado de trabalho.

Entendemos, com isso, que o estágio e a possibilidade de relação com o espaço de ensino e pesquisa da universidade formatam um terreno fértil para intervenções pedagógicas capazes de apontar caminhos para as lacunas e problemas de fundo que caracterizam a formação e legitimação do Jornalismo como campo profissional e de conhecimento.

Referências

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo*. Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação (Portaria Nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009).

BURIOLLA, M. A. F. *O estágio supervisionado*. São Paulo: Cortez, 2001.

CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v.3.

CHAPARRO, M. C. *Linguagem dos conflitos*. Coimbra: Minerva, 2001.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

IAMAMOTO, M. V. *Renovação e conservadorismo no serviço social*. São Paulo: Cortez, 1992.

IANNI, O. *Figuras da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KARAM, F. *A ética jornalística e o interesse público*. São Paulo: Summus, 2004.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. *Os elementos do Jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MEDITSCH, E. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de Jornalismo na sociedade da informação. *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, Brasília, v.1, n.1, p.41-62, abr./jul. 2007. Disponível em: <<http://www.fnnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>>. Acesso em: 12.maio.2012.

_____. *Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do Jornalismo*. 1999. Disponível em: <<http://www.Jornalismo.ufsc.br/bancodedados/meditschdilema.html>>. Acesso em: 05.maio.2012.

_____. *O conhecimento do Jornalismo*. Florianópolis: EDUFSC, 1992.

MEDINA, C. Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. *Matrizes*, ano 2, n. 1, p.77-96, 2008.

MINAYO, M. C. de S. (Org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, C. P. de. *O curso de Comunicação Social no Brasil: do currículo mínimo às novas diretrizes curriculares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MUNIZ, E. et al. O Estágio Supervisionado: A experiência da Faculdade de Serviço Social de Bauru. *Construindo o Serviço Social*, ITE – FSSB, Bauru, n.2, p.27-44, 1997.

OLIVA, M. H. B. O estágio na formação profissional. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n.29, p.149-160, 1989.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006. p. 125-145.

PINTO, R. M. F. Estágio e supervisão: um desafio teórico-prático do Serviço Social. *Revista NEMESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino e Questões Metodológicas em Serviço Social*, PUC São Paulo, n.3, p.75-86, 1997.

PROGRAMA NACIONAL DE ESTÍMULO À QUALIDADE DA FORMAÇÃO EM JORNALISMO. Fenaj, Brasília, 2008.

PROGRAMA NACIONAL DE PROJETOS DE ESTÁGIO ACADÊMICO EM JORNALISMO. Fenaj, Brasília, 2008.

MATO GROSSO. Projeto Político Pedagógico do Curso de Comunicação Social Habilitação em Jornalismo da UNEMAT campus Alto Araguaia.

_____. Regulamento do Estágio Curricular Supervisionado no curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Resolução CONEPE n° 039/2009.

RIBEIRO, E. B. *A compreensão polissêmica do estágio no ensino superior*. 1999. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira), Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SILVA, A. A. da. A questão dos estágios e o mercado de trabalho. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n.24, p.124-138, 1987.

SILVA, G. O fenômeno noticioso: objeto singular, natureza plural. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, ano VI, n. 2, p. 09-15, jul./dez. 2009.

SILVA, G.; SOARES, R. L. Da necessidade e da vontade de se consumir notícia. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 8, p. 181-198, 2011.

SOUSA, J. P. *Teorias da notícia e do Jornalismo*. Chapecó: UniChapecó/Argos, 2002.

SODRÉ, M. *Antropológica do Espelho: teoria da comunicação linear e em rede*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

_____. Jornalismo como campo de pesquisa. *Brazilian Journalism Research*, v. 6, n.1, p.7-16, 2010b.

SPENTHOF, E. L. O Jornalismo como esfera pública social: uma análise da cobertura do referendo sobre o aborto em Portugal. *Mídia & Política*, Brasília, n. 29, p.1-14, 2007.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2005. v.1.

VALVERDE, F. L. *O papel pedagógico do estágio na formação do jornalista*. 2006. 227f. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade de São Paulo, São Paulo.

WOLTON, D. *Pensar a comunicação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

Data de recebimento: 18.07.2012

Data de aceite: 26.11.2012